

Entrevista

Ana Waleska Pollo Campos Mendonça

Possui graduação em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1967), Mestrado em Educação (Planejamento Educacional) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1974) e Doutorado em Educação Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1993). Fez o pós-doutorado em História da Educação na Universidade de Lisboa (2004). Integrou as duas primeiras diretorias da Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE). Atualmente é professora associada da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, dos cursos de graduação e pós-graduação em Educação. Desenvolve pesquisas na área de História da Educação, nas linhas de História das Ideias e Instituições Educacionais e História da Profissão Docente, atuando principalmente nos seguintes temas: Anísio Teixeira, universidade, pós-graduação, profissão docente, com ênfase nos professores do ensino secundário. Durante os anos de 2007 a 2010, coordenou o projeto "História da profissão Docente no Brasil e em Portugal: aproximações e distanciamentos", de intercâmbio entre pesquisadores brasileiros e portugueses, financiado pela CAPES (Brasil) e pelo FCT (Portugal). Atualmente, coordena o projeto de pesquisa interinstitucional, "A Construção da Identidade do Professor do Ensino Secundário, Normal e Técnico: uma abordagem comparativa", financiado pela FAPERJ e pelo CNPq.

awm@puc-rio.br

Entrevista realizada por Adélia Maria Koff



Foto Adélia Maria Koff



Reflexões sobre a Universidade

Reflexiones sobre la Universidad

Qual (quais) seria (seriam), para você, o papel (os papéis) da universidade hoje, tendo presente o contexto latino-americano e caribenho?

Ana Waleska P. C. Mendonça - Eu acho que a primeira grande dificuldade que enfrentamos para falar sobre esse tema da universidade é ter clareza sobre o que entendemos pelo o que é a universidade hoje. O que é específico da universidade hoje. Não só a universidade, mas também a instituição escolar estão passando por uma crise. Crise que nos coloca diante de um grande desafio, também para a universidade, ou seja, a necessidade de redefini-la. Redefinir suas atribuições e papéis, mas redefinir até mesmo o que entendemos por universidade. Há um trabalho póstumo do professor Anísio Teixeira (um dos últimos trabalhos que ele escreveu e foi publicado postumamente pela Fundação Getúlio Vargas) em que ele se debruça especificamente sobre a temática do Ensino Superior e onde ele tem uma citação muito interessante sobre os papéis que a universidade foi historicamente desempenhando. O que ele diz é mais ou menos o seguinte: que os papéis da universidade não são necessariamente excludentes, mas que é possível entender que os vários papéis que ela foi desempenhando ao lon-

Para comenzar quisiera preguntarle cuál sería hoy, para usted, el rol o los roles de la universidad, teniendo en cuenta el contexto latinoamericano.

Ana Waleska P. C. Mendonça - Creo que la primera gran dificultad que tenemos que enfrentar a la hora de hablar de la universidad, es tener claro qué entendemos hoy por universidad.Cuál es su especificidad. No solo la universidad, sino también la institución escolar están pasando hoy por una crisis. Una crisis que hace que, tanto nosotros como la universidad, nos deparemos ante un gran desafío: la necesidad de redefinirla. De redefinir sus atribuciones y roles e incluso lo que entendemos por ella misma. Hay un trabajo póstumo del profesor Anísio Teixeira (uno de los últimos trabajos que escribí y que fue publicado póstumamente por la Fundación Getulio Vargas) en el que se trata específicamente el tema de la Enseñanza Superior y en el que se hace una mención muy interesante sobre los roles que la universidad fue desempeñando históricamente. Lo que él dice más o menos es que los roles de la universidad no son necesariamente excluyentes, sino que, al contrario, esos diversos roles desempeñados a lo largo de la historia pueden pensarse desde una perspectiva acumulativa. Desde su ori-



go de sua história podem ser pensados em uma dimensão cumulativa. Desde a sua origem, lá pelos séculos XII e XIII (dentre as instituições educativas existentes hoje, a universidade é, sem dúvida, a mais antiga), quando ela se apresentava, fundamentalmente, como uma comunidade de discípulos e mestres que se articulavam em torno não só da transmissão dos conhecimentos, mas também em torno do debate, da discussão, do próprio processo de construção coletiva do conhecimento, passando pela universidade moderna (século XIX), que tem como um dos seus referenciais mais importante a Universidade de Humboldt, além da Universidade de Córdoba reformada, representante da América Latina dessa fase (fim do século XIX, início do século XX), que é uma universidade concebida como espaço de pesquisa, de produção de conhecimentos. Uma universidade que de início reage às chamadas Ciências Modernas, mas que depois acaba por incorporar-las. Uma universidade que tem como seu eixo central a pesquisa e a produção de conhecimentos. Passando por uma universidade mais comprometida com uma dimensão mais social - não só de socialização do conhecimento, mas também de buscas de respostas às questões que são postas em cada contexto histórico. E o Anísio Teixeira dizia que talvez chegássemos ao que podemos chamar de uma "multiversidade". E essa colocação do Anísio me parece interessante porque nos permite, por um lado, entender que é possível pensar nesses vários papéis que a universidade foi assumindo, ou que lhe foram sendo atribuídos, em uma dimensão cumulativa, e, por outro lado, quando ele usa a expressão "multiversidade", incorporar a questão da diversidade e da diferença.

De uma forma geral e pensando em termos de Brasil, eu diria que, até a nossa última Lei de Diretrizes e Bases, tínhamos uma percepção muito clara quanto às diferenças em relação ao que era uma universidade e ao que eram as outras escolas superiores, no sentido de que o que as diferenciava era, por um lado, o fato de que a universidade tentava abarcar uma certa universalidade do conhecimento - uma de suas características importantes - e, por outro lado, ela não era só uma instituição que transmitia conhecimento e formava profissionais, mas era também uma instituição onde se produziam conhecimentos. E eu acho que essa distinção começa a ser "borrada" porque, hoje em dia, temos uma enorme diversidade de instituições, com objetivos e atribuições muito diferenciados. E entendo que, dentro desse contexto de grande diversidade, o principal desafio é pensar: o que seria então o específico da universidade, hoje? E mais: o que seria

Uma universidade que tem como seu eixo central a pesquisa e a produção de conhecimentos. Passando por uma universidade mais comprometida com uma dimensão mais social - não só de socialização do conhecimento, mas também de buscas de respostas às questões que são postas em cada contexto histórico. E o Anísio Teixeira dizia que talvez chegássemos ao que podemos chamar de uma "multiversidade".



o específico da Universidade Latino-Americana e Caribenha, hoje? O específico nesse sentido do que seria a missão da universidade. O que de fato a identificaria como tal?

E então eu acho que temos um enorme desafio. Por exemplo, quando pensamos em termos de América Latina, é importante levarmos em conta que os diversos países que a integram têm tradições muito diferentes. Enquanto a América Espanhola tem algumas universidades muito importantes desde o século XVI, o Brasil não tem uma tradição universitária. Isso tem a ver com as estratégias diferenciadas que foram adotadas seja pela metrópole espanhola, seja pela metrópole portuguesa. Em ambos os casos, havia uma perspectiva de controle, especificamente, do processo de formação das elites que iriam compor os quadros dirigentes da empresa colonial, sendo que a Espanha optou desde o início por fundar universidades na colônia, mesmo que elas tivessem uma relação de dependência muito forte com a metrópole. Já no caso da coroa portuguesa, a opção foi manter a dependência da Universidade de Coimbra (praticamente a única universidade portuguesa, já que a outra, a Universidade de Évora, nunca teve o mesmo estatuto da de Coimbra). Foram duas estratégias diferentes e isso faz com que tenhamos uma tradição universitária diferenciada nos países que se originaram da antiga América Espanhola. E eu diria que isso fez com que, no momento do processo de independência política desses países latino-americanos, essas universidades tivessem um papel central



Foto Adélia Maria Koff

Una universidad cuyo eje central es la investigación y la producción de conocimientos, pero que pasa a ser más comprometida con una dimensión social –no solo en relación a la socialización del conocimiento, sino también en lo referente a la búsqueda de respuestas sobre temas que cada momento histórico propone. Y Anísio Teixeira decía que tal vez un día llegásemos a tener una “multi-universidad”.



más comprometida con una dimensión social –no solo en relación a la socialización del conocimiento, sino también en lo referente a la búsqueda de respuestas sobre temas que cada momento histórico propone. Y Anísio Teixeira decía que tal vez un día llegásemos a tener una “multi-universidad”. Esta afirmación me parece interesante porque, por un lado, nos permite entender que es posible pensar en los varios roles que la universidad fue asumiendo o que le fueron atribuyendo, desde una visión acumulativa y, por el otro, porque la expresión “multi-universidad” podría permitirnos pensar en incorporar la diversidad y la diferencia.

De manera general, y restringiéndome a Brasil, diría que hasta la última Ley de Directrices y Bases, nosotros teníamos una percepción muy clara sobre lo que era una universidad y lo que eran las otras escuelas superiores. Me refiero a aquello que las diferenciaba: por un lado, la universidad intentaba abarcar una cierta universalidad del conocimiento –una de sus características importantes– y, por el otro lado, no se restringía a transmitir conocimientos y a formar profesionales, sino que además producía conocimientos. Creo que esta distinción comienza a “borrarse” porque hoy en día tenemos una enorme diversidad de instituciones con objetivos y atribuciones muy diferenciados. Y dentro del contexto actual, de gran diversidad, el principal desafío sería preguntarse: ¿qué es hoy lo específico de la universidad? Más aún, ¿qué es hoy

gen, allá por los siglos XII y XIII (de las instituciones educativas que existen hoy la universidad es, sin duda, la más antigua), cuando se presentaba, fundamentalmente, como una comunidad de discípulos y maestros que se articulaban en torno no solo a la transmisión de conocimientos, sino también en torno al debate, a la discusión, al propio proceso de construcción colectiva del conocimiento, pasando por la universidad moderna (siglo XIX), que tiene entre sus referencias más importantes a la Universidad de Humboldt, además de la Universidad de Córdoba, reformada, representante de la América Latina de aquella fase (fin del siglo XIX, comienzos del siglo XX), y que es una universidad concebida como espacio de investigación y de producción de conocimientos. Una universidad que al comienzo reacciona a las llamadas Ciencias Modernas, pero que después acaba incorporándolas. Una universidad cuyo eje central es la investigación y la producción de conocimientos, pero que pasa a ser





Foto Adélia Maria Koff

nesse processo e, nesse sentido, elas carregam uma marca muito forte de universidades nacionais. Isso é muito forte nelas. A universidade é pensada como um instrumento importante de construção de identidade e de unidade nacional.

O que de certa maneira se tentou fazer no Brasil, nos anos de 1930, com a criação da Universidade do Brasil, mas em um contexto que era extremamente autoritário. Quando refletimos sobre a Universidade do Brasil, importa considerar que, quando se criou tal universidade, em 1937, o principal modelo de referência foi Universidade de Roma, organizada

■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■
Quando refletimos sobre a Universidade do Brasil, importa considerar que, quando se criou tal universidade, em 1937, o principal modelo de referência foi Universidade de Roma, organizada pelo governo fascista. A ideia que se implanta, por exemplo, de cidade universitária, naquele contexto, é uma ideia de isolamento. E isso, eu acho, é uma marca muito significativa.

pelo governo fascista. A ideia que se implanta, por exemplo, de cidade universitária, naquele contexto, é uma ideia de isolamento. E isso, eu acho, é uma marca muito significativa. A universidade passa, então, a ter um controle muito forte do Estado. E, em função disso, ela vai se burocratizar de uma forma muito intensa e creio que até hoje, no Brasil, estamos lidando com resquícios disso - que continua sendo uma marca muito forte de nossas universidades, principalmente, das universidades públicas.

Em função de tudo isso que você descreveu, gostaria de retomar a sua própria pergunta. Afinal há um “específico” em relação ao papel que deve desempenhar a universidade hoje?

Ana Waleska P. C. Mendonça - Acabo de me dar conta de que quando falei sobre todas as atribuições que foram dadas à universidade ao longo do tempo, não enfatizei a da formação profissional. E eu diria que, de certa forma, embora, historicamente, a universidade tenha também desempenhado essa função, isso nunca foi uma atribuição específica da universidade. Ao contrário, eu diria que a formação profissional é uma atribuição que, historicamente, foi dada às chamadas escolas isoladas, às escolas profissionalizantes, o que, segundo meu ponto de vista, não implica que a universidade também não possa desempenhar esse papel. Mas, certamente, nesse caso, essa atribuição não pode ser pensada exclusivamente em termos mercadológicos. Isso é muito importante, até mesmo para



lo específico de una Universidad Latinoamericana y Caribeña? Hablo de específico en relación a cuál sería la misión de esa universidad. ¿Qué elementos la identificarían como tal?

Entonces creo que tenemos un enorme desafío. Por ejemplo, cuando pensamos en términos de América Latina, es importante tener en cuenta que los diversos países que la integran tienen tradiciones muy diferentes. Mientras en la América española hubo algunas universidades muy importantes desde el siglo XVI, en Brasil no existe una tradición universitaria. Esto tiene que ver con las diferentes estrategias que adoptaron la metrópoli española y la metrópoli portuguesa. En ambos casos existía una perspectiva de control para la formación de una élite que se esperaba conformase los cuadros dirigentes de la empresa colonial. España optó desde el comienzo por fundar universidades en la colonia, pero esta mantenía una fuerte relación de dependencia con la metrópoli. La corona portuguesa, en cambio, optó por mantenerse dependiente de la Universidad de Coimbra (prácticamente la única universidad portuguesa, ya que la otra, la Universidad de Évora, nunca tuvo el mismo estatuto de la de Coimbra). Fueron dos estrategias diferentes y fue eso lo que provocó que tuviéramos una tradición universitaria distinta a la de los países de la antigua América española. Diría también que durante el proceso de independencia política de los países latinoamericanos, esas universidades jugaron un papel central. En ese sentido, llevaban fuertemente en ellas la marca de ser universidades nacionales. Eso fue algo muy importante para ellas. La universidad fue pensada como un instrumento importante de construcción de identidad y de unidad nacional.

Fue eso lo que, de cierta manera, se intentó hacer en Brasil en los años de 1930, con la creación de la Universidad de Brasil, pero dentro de un contexto que era extremadamente autoritario. Es importante considerar que cuando la Universidad de Brasil fue creada, en 1937, el principal modelo de referencia era la Universidad de Roma, organizada por el gobierno fascista. Dentro de ese contexto, la idea que se tenía de ciudad universitaria era la del aislamiento. Y yo creo que esto es muy significativo. El Estado, entonces, pasa a tener un control muy fuerte sobre la universidad, con lo cual acaba burocratizándose. Y a mí me parece que hasta el día de hoy luchamos contra esos resabios que continúan siendo una marca poderosa de nuestras universidades, sobre todo, de las públicas.

Teniendo en cuenta todo lo descripto, quisiera volver a su propia pregunta: cuál es, al final, el rol “específico” que debe desempeñar hoy una universidad?

Ana Waleska P. C. Mendonça - Acabo de darme cuenta de que cuando hablé de las atribuciones que le fueron dadas a la universidad a lo largo del tiempo, no destacué la formación profesional. Yo diría que, de alguna manera, aunque históricamente la universidad también haya desempeñado esa función, nunca se la consideró una atribución específica. Al contrario, yo diría que la formación profesional fue una atribución dada históricamente a las llamadas escuelas aisladas, escuelas profesionalizantes. Pero esto no implica que la universidad no pueda ejercer ese rol. Una cosa es cierta, dicha atribución no puede ser pensada exclusivamente en términos mercadológicos. Esto es muy importante, incluso para marcar una oposición en relación a las otras instituciones cuyo carácter es estrictamente profesionalizante y que, de hecho, piensan en formar profesionales en respuesta a los intereses del mercado.

Desde mi punto de vista, lo específico de la universidad (en contraposición con las otras instituciones de enseñanza superior) es ser no solo un espacio de transmisión de conocimientos, sino también de producción del mismo. Y un conocimiento que se produce como fruto de la socialización. Este para mí es el punto central. Un espacio de socialización del propio proceso de construcción/producción del conocimiento. Y de aquí surge una nueva pregunta: ¿qué conocimiento? ¿De qué conocimiento se trata?

■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■

Es importante considerar que cuando la Universidad de Brasil fue creada, en 1937, el principal modelo de referencia era la Universidad de Roma, organizada por el gobierno fascista. Dentro de ese contexto, la idea que se tenía de ciudad universitaria era la del aislamiento. Y yo creo que esto es muy significativo.



marcar uma contraposição em relação às outras instituições que têm um caráter estritamente profissionalizante e que, de fato, pensam em formar os profissionais atendendo aos interesses do mercado.

Na minha perspectiva, o específico da universidade (contrapondo a universidade às outras instituições de ensino superior) passa pela questão dela ser não só um espaço de transmissão de conhecimentos, mas ser um espaço de produção do conhecimento. E um conhecimento que se produz socializadamente. Isso para mim é o central. Um espaço de socialização do próprio processo de construção e/ou produção do conhecimento. E, a partir disso, uma nova pergunta: que conhecimento? Que conhecimento é esse?

Creio que nas sociedades multiculturais em que vivemos não é possível pensar em termos de um conhecimento único ou de um conhecimento universal. A universidade precisa se abrir às várias formas de conhecimento que estão presentes em nossas sociedades. Eu estava me lembrando de uma entrevista que li há pouco tempo, dada por um professor universitário de Química e uma das questões que ele levantava chamou a minha atenção: como dentro do campo da Química, em algumas de suas áreas, como por exemplo, a área farmacêutica, cada vez mais, se está valorizando o que ele chamava de conhecimento ancestral. E ele ressalta como, no Brasil, isso é muito pouco incentivado. Interessante de refletir: talvez dentro das áreas técnicas seja mais fácil de incorporar essas outras formas de conhecimento, por mais contraditório que isso possa parecer, do que dentro do campo da filosofia, das ciências sociais e humanas, de uma forma geral. Parece que nós temos muito mais resistência, até porque a ideia de uma hierarquização dos conhecimentos está muito mais instalada nessas áreas. Essa entrevista me fez pensar que, talvez, a partir das áreas técnicas seja mais fácil incorporar esses outros conhecimentos.

E que outros desafios você gostaria de apontar?

Ana Waleska P. C. Mendonça - A universidade latino-americana está sendo chamada a enfrentar dois grandes desafios. Um deles é o seu próprio processo de democratização. Por mais incipiente que esse processo de democratização seja, ele está trazendo para as universidades grupos sociais e culturais cada vez mais diversificados. Esse processo de democratização (do acesso e da permanência dos grupos) está em curso. Todavia, creio que o mais

A universidade precisa se abrir às várias formas de conhecimento que estão presentes em nossas sociedades. Eu estava me lembrando de uma entrevista que li há pouco tempo, dada por um professor universitário de Química e uma das questões que ele levantava chamou a minha atenção: como dentro do campo da Química, em algumas de suas áreas, como por exemplo, a área farmacêutica, cada vez mais, se está valorizando o que ele chamava de conhecimento ancestral.

complicado é o processo de democratização do conhecimento. Sem isso a democratização acaba não sendo completa. Esse é um grande desafio para a universidade hoje. E, na minha avaliação, entendo que temos que partir para uma maior diversificação das instituições universitárias. Mantendo a ideia de que a universidade é um espaço de produção socializada de conhecimentos, é possível pensar em diferentes formas de conhecer e ter, por exemplo, a universidade indígena, a universidade popular (o Brasil já teve uma experiência nesse sentido). É possível pensar em diversificação. Mais do que isso, é desejável pensar em uma diversificação da universidade. Mas mantendo o que é o específico dela. Isso é um dos seus grandes desafios: uma democratização que avance para além de uma mera democratização do acesso.

Além disso, creio que posso dizer que isso está relacionado com outro desafio: o da internacionalização da universidade. Da mesma maneira que falamos que existem globalizações e globalizações, ou seja, é possível pensar em globalizações solidárias em contraposição à globalização hegemônica, também podemos pensar que a mesma coisa acontece em relação ao processo que estamos chamando de internacionalização da universidade. Sou totalmente favorável à ideia de uma universidade aberta, de uma circulação até mesmo de alunos, de professores, de modelos, de projetos.



Creo que en las sociedades multiculturales en que vivimos no es posible pensar en términos de un conocimiento único o de un conocimiento universal. La universidad necesita abrirse a las varias formas de conocimiento que se encuentran presentes en nuestras sociedades. Recuerdo una entrevista que leí hace poco, dada por un profesor universitario de Química, que llamó mi atención. En ella, el entrevistado decía que dentro del campo de la química, en algunas áreas, como la farmacéutica, por ejemplo, cada vez se valoraba más el conocimiento ancestral. Y resaltó que, en Brasil, dicha valoración era muy poco incentivada. Una reflexión interesante: tal vez la incorporación de esas otras formas de conocimiento sea más fácil de ocurrir dentro de las áreas técnicas, que en el campo de la filosofía, de las ciencias sociales y humanas. Según parece, nosotros ofrecemos más resistencia, incluso porque en nuestras áreas se encuentra muy instalada la idea de una jerarquización. Esa entrevista me hizo pensar que a lo mejor a partir de las áreas técnicas es posible incorporar más fácilmente esos otros conocimientos.

¿Qué otros desafíos quisiera señalar?

Ana Waleska P. C. Mendonça - La universidad latinoamericana está llamada a enfrentar dos grandes desafíos. Uno de ellos es su propio proceso de democratización. Por más incipiente que ese proceso sea, lo cierto es que está llevando a la universidad a grupos sociales y culturales cada vez más diversificados. Ese proceso de democratización (de acceso y de permanencia de los grupos) ya está en

La universidad necesita abrirse a las varias formas de conocimiento que se encuentran presentes en nuestras sociedades. Recuerdo una entrevista que leí hace poco, dada por un profesor universitario de Química, que llamó mi atención. En ella, el entrevistado decía que dentro del campo de la química, en algunas áreas, como la farmacéutica, por ejemplo, cada vez se valoraba más el conocimiento ancestral.



curso. Sin embargo, creo que lo más complicado es el proceso de democratización del conocimiento. Sin este segundo proceso la democratización no puede darse de forma plena. Este es uno de los grandes desafíos de la universidad de hoy. Y a mi modo de ver tenemos que empezar a movernos en dirección a una mayor diversificación de las instituciones universitarias. Manteniendo la idea de que la universidad es un espacio de producción socializada de conocimiento, es posible pensar en

diferentes formas de conocer y tener, por ejemplo, una universidad indígena, una universidad popular (Brasil ya pasó por una experiencia semejante). Es posible pensar en la diversificación. Más aún, se desea pensar en la diversificación de la universidad, aunque conservando lo que hay de específico en ella. Este es uno de sus grandes desafíos: una democratización que vaya más allá de la democratización del acceso.

Además, creo posible afirmar que ese primer desafío se relaciona con otro: la internacionalización de la universidad. De la misma forma que existen diversos tipos de globalización



Foto: Jucio Nipper



Creio que é muito importante intensificar o intercâmbio entre os vários centros universitários latino-americanos. Em algumas áreas, isso já está acontecendo. Por exemplo, especificamente na área em que trabalho - a área da História da Educação - já existem projetos de pesquisas em intercâmbios com universidades argentinas, chilenas, colombianas.

Em termos de América Latina, nos anos 1950 e 1960, havia um intercâmbio muito grande entre as universidades brasileiras e as outras universidades latino-americanas. E esse intercâmbio foi totalmente interrompido por conta do golpe militar. Havia uma rede estabelecida (inclusive a partir da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior/CAPES) entre as universidades latino-americanas que era bastante produtiva. E essa história não está sequer contada. Creio que é muito importante intensificar o intercâmbio entre os vários centros universitários latino-americanos. Em algumas áreas, isso já está acontecendo. Por exemplo, especificamente na área em que trabalho - a área da História da Educação - já existem projetos de pesquisas em intercâmbios com universidades argentinas, chilenas, colombianas. A ideia da construção de redes me parece muito interessante de ser acionada no campo do Ensino Superior e no âmbito da América Latina e do Caribe.

Toda a tendência atual é no sentido de estimular a competitividade. E a única maneira de reagir contra isso é mudar essa lógica. Isso implicaria em contestar uma série de propostas, uma série de situações, de certa forma, já cristalizadas. Como, por exemplo, a própria questão da dedicação exclusiva dos professores. De uma forma geral, principalmente a universidade brasileira, está fortemente burocratizada. Qualquer sugestão que proponha romper com uma estrutura já instalada enfrenta uma enorme dificuldade de se concretizar. E os

tipos de controle e de avaliação que estão sendo exercidos sobre a universidade estão agravando essa questão. Estão fortalecendo essa estrutura fortemente burocratizada e muito voltada para dentro dela mesma. Precisamos pensar em uma universidade mais aberta. Mais aberta em uma dupla dimensão.

De um lado, uma universidade mais sensível às questões que estão postas na sociedade e aos diferentes grupos sociais e culturais e, por outro lado, uma universidade mais aberta a um trabalho mais integrado, mais articulado com outras instituições e movimentos como os movimentos sociais. Eu posso afirmar que, no caso brasileiro, não sei dizer se também ocorre em outros países latino-americanos e caribenhos, a universidade acabou se fechando em torno dela mesmo. Nós

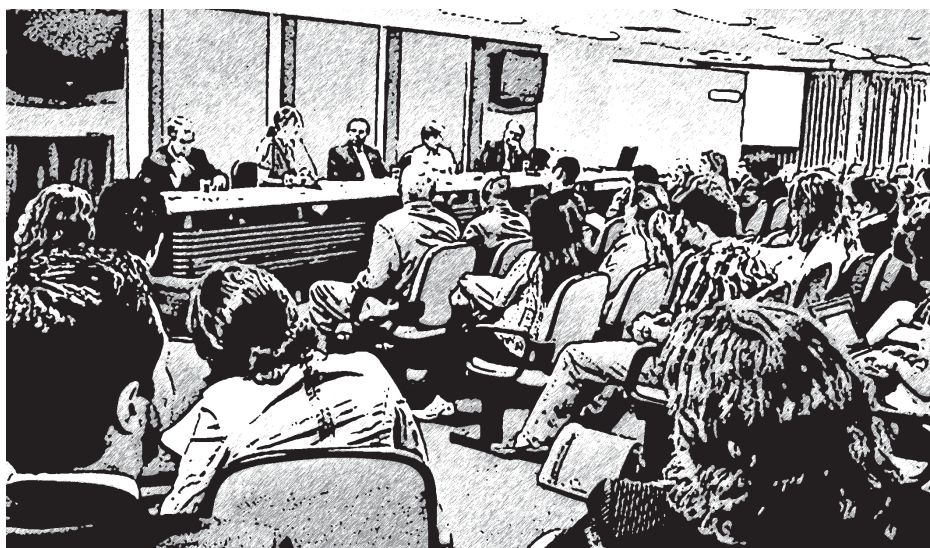


Foto Internet

tivemos, historicamente, algumas experiências, por exemplo, a Universidade do Distrito Federal, com Anísio Teixeira à sua frente, e que era uma universidade mais aberta. Ela não chegou nem a ter uma sede própria, até mesmo por questões de ordem material, e, por isso, ela precisou funcionar integrada com outras instituições. As aulas eram dadas no Instituto de Educação, na Escola Politécnica, na Fiocruz e os professores circulavam por essas instituições. A tal ponto que, por exemplo, uma das medidas governamentais sobre essa universidade, e que acabou impactando-a de forma muito negativa, foi a lei da desacumulação de cargos, que impediu, entre outras coisas, que vários professores pudessem continuar trabalhando em mais de uma instituição. Eu acredito que essa universidade tinha



Creo que es muy importante instensificar el intercambio entre los varios centros universitarios latinoamericanos. En algunas áreas eso ya está ocurriendo. Por ejemplo, en mi área específica de trabajo –Historia de la Educación– ya existen proyectos de investigación para intercambios con universidades argentinas, chilenas, colombianas.



nes, es posible también pensar en globalizaciones solidarias, en oposición a la globalización hegemónica. Lo mismo sucede con el proceso llamado de internacionalización de la universidad. Estoy totalmente de acuerdo con la idea de una universidad abierta, en la que circulen alumnos, profesores, modelos, proyectos. En el ámbito latinoamericano, en los años 1950 – 1960, se dio un intercambio muy grande entre las universidades brasileñas y las otras universidades latinoamericanas. Un intercambio que fue interrumpido por el golpe militar. Existía una red ya establecida (inclusive a partir de la Coordinación de Perfeccionamiento del Personal de Enseñanza Superior - CAPES) entre las universidades latinoamericanas, que era bastante productiva. Y esa historia ni siquiera fue contada. Creo que es muy importante instensificar el intercambio entre los varios centros universitarios latinoamericanos. En algunas áreas eso ya está ocurriendo. Por ejemplo, en mi área específica de trabajo –Historia de la Educación– ya existen proyectos de investigación para intercambios con universidades argentinas, chilenas, colombianas. Me parece muy interesante que se ponga en marcha la idea de construir una red dentro de la Enseñanza Superior y en el ámbito de América Latina y el Caribe

Actualmente existe una tendencia a estimular la competitividad. Y la única manera de reaccionar contra eso es cambiando la lógica. Eso implica oponerse a una serie de propuestas y situaciones que, de cierta forma, se encuentran cristalizadas. Por ejemplo, el tema de la dedicación exclusiva de los profesores. En general, y principalmente en Brasil, la universidad está muy burocratizada. Cualquier idea que surja y que implique romper las estructuras debe enfrentar

una enorme dificultad para poder concretarse. Y el tipo de control y de evaluación que se ejerce sobre la universidad agrava el tema. Fortalece las estructuras burocratizadas y que se vuelven sobre sí mismas. Necesitamos pensar en una universidad más abierta y abierta en una doble dimensión.

Por un lado, necesitamos una universidad que se muestre más sensible frente a los temas que la sociedad coloca sobre la mesa y frente a los diversos grupos sociales y culturales. Por el otro, necesitamos una universidad que esté abierta a un trabajo más integrado, más articulado con otras instituciones y movimientos como, por ejemplo, los movimientos sociales. Puedo afirmar que, en el caso de Brasil –no sé si también ocurre en otros países latinoamericanos y caribeños–, la universidad acabó cerrándose en sí misma. Hubo aquí algunas experiencias como, por ejemplo, la de la Universidad del Distrito Federal, con Anísio Teixeira a la cabeza, que era más abierta. No llegó a tener una sede propia, incluso por problemas de orden material, por ese motivo funcionó integrada a otras instituciones. Las clases se daban en el Instituto de Educación, en la Escuela Politécnica, en la Fiocruz, y los profesores circulaban por esas instituciones. Esto fue así a tal punto, que una de las medidas gubernamentales sobre esa universidad –que dicho sea de paso, produjo un impacto negativo– fue la ley para impedir la acumulación de cargos. Dicha ley impedía, entre otras cosas, que varios profesores pudieran continuar trabajando en más de una institución. Creo que esa universidad tenía un fuerte compromiso, puesto que daba respuesta a varias cuestiones y problemáticas que surgían en la sociedad de aquel momento, además de haber sido un modelo para la Universidad de Brasilia, la cual fue creada en la década de 1960 y estaba fuertemente comprometida con el desarrollo nacional. Creo que tal vez sea eso. Tal vez precisemos rescatar esa tradición que yo diría que fue interrumpida o llevada al fracaso, al menos en el caso brasileño.

Waleska, usted asoció el proceso de internacionalización al tema de la organización de redes y de intercambio, es decir asoció la internacionalización a aspectos positivos. ¿Cuándo usted diría que el proceso puede ser negativo?

Ana Waleska P. C. Mendonça - Sí, existe una connotación dominante de la internacionalización. En este caso se la entiende como la transposición de un modelo que pertenece a un determinado



Uma internacionalização que toma como referência, principalmente, as universidades europeias e norte-americanas, não coincidentemente os centros de poder político, econômico e também cultural, e a internacionalização acaba assumindo uma perspectiva de padronização. Eu sou absolutamente contra a ideia de padronização.



um forte compromisso no sentido de responder às várias questões e situações que estavam sendo postas para a sociedade, naquele momento, e foi modelo para a Universidade de Brasília, criada na década de 1960, fortemente comprometida com a questão do desenvolvimento nacional. Eu acho que talvez seja por aí. Talvez tenhamos que resgatar essa tradição que, eu diria, foi interrompida ou fracassada, pelo menos no caso do Brasil.

Waleska, você associou o processo de internacionalização ao tema da organização de redes e do intercâmbio, ou seja, associou a internacionalização a aspectos positivos. E quando você diria que tal processo é negativo?

Ana Waleska P. C. Mendonça - Existe, sim, uma conotação dominante da internacionalização. Nesse caso, entendida como a transposição de um modelo de um determinado contexto para outro contexto. Quando falei na possibilidade de “outra” internacionalização foi pensando na possibilidade de ir exatamente contra essa proposta que se faz a partir dos grandes centros econômicos e de poder. Claro que eu não sou favorável a essa internacionalização hegemônica tal como ela está sendo proposta. Uma internacionalização que toma como referência, principalmente, as universidades europeias e norte-americanas, não coincidentemente os centros de poder político, econômico e também cultural, e a internacionalização acaba assumindo uma perspectiva de padronização. Eu sou absolu-

tamente contra a ideia de padronização. Gostaria, por exemplo, de saber um pouco mais (até porque me soa muito estranho) sobre o impacto do Acordo de Bolonha nas universidades europeias, já que este envolve universidades oriundas de contextos e tradições muito diversificados e diferenciados e que estão fazendo um esforço de articulação, mas no sentido de padronizar. Entendo que isso só pode ter um efeito nefasto. Ao contrário, temos que trabalhar no sentido de valorizar e incorporar a diversidade, as diferenças. Porque isso é que permitiria à universidade crescer. Intercâmbio entre iguais não é intercâmbio. O intercâmbio supõe a diferença.

Para você, uma universidade que acolhe as diferenças culturais supõe a criação de universidades específicas, como a universidade indígena ou para afrodescendentes, ou a integração desses diferentes grupos em um mesmo espaço universitário, inclusive com a participação das universidades que já existem?

Ana Waleska P. C. Mendonça - Creio que as duas direções precisam ser ensaiadas. Por um lado, temos que aceitar a diversificação institucional, ou seja, pensar na possibilidade de se ter várias instituições universitárias dirigidas a grupos específicos. Mas, por outro lado, temos que pensar também na diversificação interna, olhar para dentro de uma mesma instituição, até porque isso é um dado de realidade. Quando, por exemplo, penso na questão das cotas na universidade brasileira, creio que certamente isso está abalando a estrutura da universidade, está pondo em questão a sua estrutura. Se não está, deveria estar pondo em questão certos pressupostos acadêmicos, entre outros. Acredito que talvez, a mais longo prazo, isso possa ter um efeito mais profundo, mais radical. Eu digo que são dois desafios diferentes: um deles é o desafio (talvez até mais para os governos) que passa pela aceitação da pluralidade e da diversificação institucional. O outro desafio é o que já está posto para a própria universidade latino-americana e caribenha de uma maneira geral - o acesso que já é plural. Por exemplo, no caso da universidade na Argentina e que eu conheço um pouco mais, lá não se controla o acesso. E eles têm enormes problemas decorrentes dessa opção: altos índices de evasão e outros dessa mesma natureza, uma vez que não há uma seleção para o ingresso na universidade. Já no Brasil, eu digo que a diversificação que está sendo gerada por conta da adoção das cotas - uma diversificação social e cultural - não pode ser ignorada pela universidade.



Foto Valda Nogueira

contexto hacia otro contexto. Cuando mencioné la posibilidad de "otra" internacionalización, lo dije pensando en la posibilidad de ir en contra de esa propuesta que se hace a partir de los grandes centros económicos y de poder. Claro que no estoy a favor de esa internacionalización hegemónica, tal como se la propone. Una internacionalización que, principalmente, tenga como referencia las universidades europeas y norteamericanas –coincidentemente los centros de poder político, económico y también cultural– acaba asumiendo un padrón. Yo estoy totalmente en contra de los padrones.

■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■
Una internacionalización que, principalmente, tenga como referencia las universidades europeas y norteamericanas –coincidentemente los centros de poder político, económico y también cultural– acaba asumiendo un padrón. Yo estoy totalmente en contra de los padrones.

Incluso me gustaría saber un poco más (porque me suena muy raro) sobre el impacto provocado por el Acuerdo de Boloña en las universidades europeas, ya que el mismo contempla universidades que son oriundas de contextos y tradiciones muy diversificadas y diferentes y que se esfuerzan en lograr una articulación –luego se ve, sin embargo, que la misma es para padronizar. Entiendo que esto solo puede tener un efecto nefasto. Es lo contrario, tenemos que trabajar para valorar e incorporar la diversidad, las diferencias, porque es eso lo que le permitirá crecer a la universidad. Un intercambio entre iguales no es un intercambio. El intercambio supone que haya diferencias.

¿Usted cree que una universidad que abrace las diferencias culturales debe suponer la creación de universidades específicas, como la universidad indígena o la de afro-descendientes? ¿O cree que la integración de esos diferentes grupos en un mismo espacio universitario, puede darse, inclusive, con la participación de las universidades que ya existen?

Ana Waleska P. C. Mendonça - Creo que es necesario poner en marcha las dos posturas. Por un lado, tenemos que aceptar la diversificación institucional, es decir, pensar en la posibilidad de que haya varias instituciones universitarias volcadas a grupos específicos. Por el otro lado, tenemos que pensar también en la diversidad interna, lo que implica mirar hacia adentro de una misma institución. Eso nos da un dato de la realidad. Cuando pienso, por ejemplo, en las cotas de la universidad brasileña, veo que realmente ese tema está abalando la estructura de la universidad, es decir, está cuestionando su estructura. Si no lo hace, entonces debería estar poniendo en cuestión ciertos presupuestos académicos. Creo que tal vez, a largo plazo, esto pueda provocar un efecto más profundo, más radical. A mi modo de ver, son dos desafíos diferentes: el primero (que quizá sea más para los gobiernos) pasa por la aceptación de la pluralidad y de la diversificación institucional. El segundo, en cambio, tiene que ver con la realidad que se le presenta a la universidad latinoamericana y caribeña, de manera general: el acceso, que ya es plural. En el caso de la universidad argentina, por ejemplo, que conozco un poco más, no se controla el acceso. Y ellos tienen enormes problemas como consecuencia de esa opción: altos índices de evasión, así como otros de esa misma naturaleza, debido a que no se hace



Por tudo isso, quando penso sobre a diversificação da e na universidade penso nessas duas dimensões: (1) avançar no sentido da diversificação institucional: universidades que estão buscando atender grupos específicos como a universidade do ABC, dos indígenas, etc. e (2) aprofundar o próprio processo de democratização no interior das universidades já constituídas, quer dizer, avançar para, além da democratização do simples acesso, para chegar a uma diversificação cultural. O que significa a incorporação de novos saberes, de novos conhecimentos, de novos modos de ser, o que é complexo e, por isso mesmo, mais difícil.

Para Boaventura de Sousa Santos, não haveria justiça social, sem justiça cognitiva, o que, para ele e entre outros aspectos, significaria romper com a hierarquização de saberes e conhecimentos, trazendo para a universidade, e mesmo para a escola, essa pluralidade de saberes e conhecimentos. Nesse sentido, tendo como referência a universidade que já está instalada, que estratégias mobilizar para que isso aconteça?

Ana Waleska P. C. Mendonça - Isso não é um processo fácil. Todavia, quando nos debruçamos sobre a história da universidade, é possível constatar como foi muito difícil trazer para dentro dela as chamadas Ciências Modernas. Houve um longo processo. As Ciências, como a Química, a Física, a Biologia, em um primeiro momento, se desenvolveram fora da universidade. Elas só vão ser incorporadas à universidade no século XIX. Tal integração foi um processo que levou vários séculos (anteriormente aos séculos XIX e XX, praticamente, só as áreas das Humanidades tinham espaço na universidade).

Creio que estamos vivendo um momento que guarda certa semelhança com aquele período em que as ciências modernas tiveram que lutar para ocupar espaços na universidade. Agora, são saberes e conhecimentos dos diferentes grupos culturais que, dentro de uma visão muito fechada e até a bem pouco tempo, não tinham sequer estatuto de conhecimento, eram apenas reconhecidos como senso comum, algo que os desqualificava. Mas hoje, há cada vez mais pessoas, intelectuais, grupos reivindicando estatuto de conhecimento para esse conhecimento popular e outros e, cada vez mais, questionando a própria distinção entre conhecimento popular e conhecimento científico



Foto: Andrea Nardelli

ou entre cultura popular e erudita. E isso já está acontecendo em vários campos do conhecimento humano e creio que isso vai acabar por impactar a universidade. Mas não há uma receita pronta.

Você reconhece alguma potencialidade nas universidades para facilitar e/ou favorecer esse processo? Ou o que pode criar dificuldades?

Ana Waleska P. C. Mendonça - Um primeiro caminho que aponto diz respeito ao fato de que a universidade precisa se desburocratizar. E o que mais me preocupa, até mesmo em função das políticas neoliberais, são os sistemas de avaliação, que,

Mas hoje, há cada vez mais pessoas, intelectuais, grupos reivindicando estatuto de conhecimento para esse conhecimento popular e outros e, cada vez mais, questionando a própria distinção entre conhecimento popular e conhecimento científico ou entre cultura popular e erudita.



una selección para el ingreso a la universidad. En Brasil, en cambio, la universidad no puede ignorar la diversificación que se está produciendo –se trata de una diversificación social y cultural– por intermedio de la ley de cotas.

Por todo esto, cuando pienso en la diversificación de y en la universidad, pienso en dos dimensiones: 1) avanzar en la diversificación institucional: universidades que buscan atender a grupos específicos, tales como la universidad del ABC, la universidad indígena, etc; y 2) profundizar en el propio proceso de democratización al interior de las universidades ya constituidas. Es decir, ir más allá de la democratización del simple ingreso para llegar, así, a una diversificación cultural. Y esto implica la incorporación

de nuevos saberes, nuevos conocimientos, nuevos modos de ser, lo que es complejo y, por eso mismo, más difícil.

Para Boaventura de Sousa Santos no hay justicia social sin justicia cognitiva. Esto significa que, para él, entre otros aspectos, romper con la jerarquización de saberes y conocimientos es llevar a la universidad, y también a la escuela, la pluralidad de saberes y conocimientos. En este sentido, y teniendo como referencia la universidad que tenemos, qué estrategias pueden ponerse en marcha para que ello ocurra?

Ana Waleska P. C. Mendonça - No se trata de un proceso fácil. Sin embargo, cuando nos acercamos a mirar la historia de la universidad, es posible constatar que fue muy difícil, para esta, incorporar las llamadas Ciencias Modernas. Hubo un largo proceso. Las Ciencias, como la Química, la Física, la Biología, se desarrollaron, en un primer momento, fuera de la universidad y solamente se incorporaron a la misma en el siglo XIX. Su integración demoró varios siglos (antes de los siglos XIX y XX, prácticamente las únicas áreas que tenían espacio en la universidad eran las de Humanidades).

Me parece que actualmente estamos viviendo un momento semejante con aquel período en que las ciencias modernas tuvieron que luchar para ocupar su espacio en la universidad. Ahora se trata de saberes y conocimientos de los diferentes grupos culturales, los cuales, hasta hace muy poco tiempo –y debido a una visión muy cerrada– ni siquiera tenían el estatuto de conocimiento, sino que eran reconocidos como sentido común, es decir, eran descalificados. Hoy hay cada vez más personas, intelectuales, grupos, que reivindican el estatuto de conocimiento para ese conocimiento popular. Y cada vez ponen más en cuestionamiento la distinción entre conocimiento popular y conocimiento científico o entre cultura popular o erudita. Esto ya está ocurriendo en varios campos del conocimiento humano y creo que va a acabar provocando un impacto en la universidad. Pero no existe una receta mágica.

¿Tienen, para usted, las universidades, algún potencial que les permita facilitar y/o favorecer ese proceso? ¿O entonces dificultarlo?

Ana Waleska P. C. Mendonça - El primer camino que yo señalaría tiene que ver con el hecho de que la universidad necesita desburocratizarse. Y lo que más me preocupa, incluso en función de las políticas neoliberales, son los sistemas de evaluación que, de algún modo, refuerzan la homogeneización y ponen a la universidad en una camisa de fuerza. Por ejemplo, hoy en día está el tema de la productividad académica que, en la mayoría de las veces, se mide por datos estrictamente cuantitativos. ¿Cuántos artículos fueron publicados? ¿En qué revista se publicaron los artículos? ¿Cuántas citas se hicieron? Si las citas fueron hechas en revistas internacionales y

■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■
Hoy hay cada vez más personas, intelectuales, grupos, que reivindican el estatuto de conocimiento para ese conocimiento popular. Y cada vez ponen más en cuestionamiento la distinción entre conocimiento popular y conocimiento científico o entre cultura popular o erudita.



No caso da Medicina, por exemplo, há alguns projetos de formação que buscam se contrapor a modelos já instalados. Em última análise, a maior dificuldade é romper com essa estrutura que está posta e que, no caso do Brasil, adotou como modelo a estrutura norte-americana: a estrutura de departamentos e que dificulta qualquer ação mais integradora.



de algum modo, vão reforçando a padronização e colocando a universidade em uma camisa de força. Por exemplo, a questão da produtividade acadêmica hoje em dia, na maioria das vezes, é medida por dados estritamente quantitativos. Quantos artigos foram publicados? Em que revista os artigos foram publicados? Quantas citações foram feitas? Se as citações foram feitas em revistas internacionais e nos países centrais isso vale mais pontos. O que vale é a produção bibliográfica. A produção acadêmica é quase que identificada só com a produção bibliográfica. Creio, portanto, que é preciso começar a minar isso, essa burocratização excessiva. Por sua vez, é possível identificar alguns projetos inovadores. No caso da Medicina, por exemplo, há alguns projetos de formação que buscam se contrapor a modelos já instalados. Em última análise, a maior dificuldade é romper com essa estrutura que está posta e que, no caso do Brasil, adotou como modelo a estrutura norte-americana: a estrutura de departamentos e que dificulta qualquer ação mais integradora.

É necessário repensar a própria estrutura da universidade, reorganizando seu tempo, seu espaço e a sua própria organização em escolas. Na maioria das vezes, a universidade está organizada em função das escolas tradicionais, das escolas profissionalizantes. Será que não haveria outra forma de organizá-la? Na década de 1930, por exemplo, a Universidade do Distrito Federal, aqui no Rio de Janeiro, buscava se organizar por áreas de conhecimento, rompendo com essa estrutura que já era a estrutura da universidade brasileira e que expressava uma mera agregação de escolas profissionalizantes. Mas fazer isso não é fácil. Essa questão da estrutura universitária, a meu ver, está

emperrando muito esse processo de mudança, de renovação. Mas também acredito que é um processo que está em andamento.

E sobre as políticas públicas para a universidade, o que você gostaria de nos dizer?

Ana Waleska P. C. Mendonça - De uma forma geral, as políticas públicas para a universidade ainda estão muito influenciadas por um modelo que está aí e pautado na perspectiva neoliberal. Esse é um dos complicadores. Na verdade, as políticas públicas para a universidade, hoje, vão no sentido da padronização e do controle. E para que a universidade possa avançar é necessário romper com isso. Creio que é preciso pensar em avançar, caminhando na contramão dessas políticas públicas que são hegemônicas e que, portanto, estão dominando o cenário. Temos que ir procurando as brechas para ver por onde caminhar para conseguir avançar.

Waleska, você faz uma série de provocações e nos convida ao debate. Obrigada por sua atenção.



Foto Cesar Duarte / Tyba



en los países centrales, eso vale más puntos. Lo que vale es la producción bibliográfica. Prácticamente se identifica a la producción académica únicamente con la producción bibliográfica. Por eso creo que es necesario empezar a ponerle un basta a esa situación y acabar con esa burocratización excesiva. Por otra parte, también es posible identificar algunos intentos innovadores como, por ejemplo, en el caso de Medicina, área en la que se ven algunos proyectos de formación que buscan ser la contrapartida de los modelos ya instalados. En último análisis, la mayor dificultad es romper con esa estructura existente y que, en el caso de Brasil, sigue el modelo norteamericano: la estructura de departamentos que dificulta cualquier acción más integradora.

Es necesario repensar la propia estructura de la universidad, reorganizar su tiempo, su espacio y su propia organización en escuelas. La mayor parte de las veces la universidad se organiza en función de las escuelas tradicionales, de las escuelas profesionalizantes. ¿No habría otra forma de organizarla? En la década de 1930, por ejemplo, la Universidad del Distrito Federal, aquí en Río de Janeiro, buscaba

Por otra parte, también es posible identificar algunos intentos innovadores como, por ejemplo, en el caso de Medicina, área en la que se ven algunos proyectos de formación que buscan ser la contrapartida de los modelos ya instalados. En último análisis, la mayor dificultad es romper con esa estructura existente y que, en el caso de Brasil, sigue el modelo norteamericano: la estructura de departamentos que dificulta cualquier acción más integradora.



organizarse por áreas del conocimiento, con lo cual rompía con la estructura que ya era la que existía en la universidad brasileña y que no era más que un agregado de las escuelas profesionalizantes. Pero hacer esto no es fácil. A mi ver, el tema de la estructura universitaria está siendo un gran obstáculo para ese proceso de cambio, de renovación, pero, a pesar de esto, creo que dicho proceso ya se encuentra en marcha.

¿Y qué nos podría decir sobre las políticas públicas en relación con la universidad?

Ana Waleska P. C. Mendonça - De manera general las políticas públicas para la universidad todavía reciben mucho la influencia del modelo existente, el cual es pautado por la perspectiva neoliberal. Ese es un factor de complicación. En realidad, las políticas públicas que hoy están dirigidas a la universidad tienden a la homogeneización y al control. Y para que la universidad pueda avanzar es necesario romper con eso. Creo que precisamos pensar en avanzar, yendo a contramano de las políticas públicas que son hegemónicas y que, por lo tanto, dominan el actual escenario. Tenemos que buscar brechas por donde conseguir avanzar.

Waleska, usted nos ha hecho una serie de provocaciones y nos invita al debate. Gracias por su atención.

